

## PÁGINAS DO SERTÃO: LEITURA E IMAGINAÇÃO NO UNIVERSO DE SERTANEJAS<sup>1</sup>

Ivânia Nunes Machado Rocha<sup>2</sup>

*Resumo:* Pesquisa em andamento sobre leituras de mulheres sertanejas de Irecê-BA. Há a intenção de analisar o que donas-de casa sertanejas leem e como realizam essas leituras, considerando outros possíveis modos de ler. Para tanto, a base metodológica para alcançar os objetivos é a pesquisa de campo e a revisão da literatura. Observando a realidade gráfica, na qual há a predominância de textos escritos e imagéticos, é importante perguntarmos em qual lugar donas-de-casa sertanejas encontram-se em relação a esse universo letrado, quais as contribuições deste para essas mulheres e como as mesmas acessam, apropriam-se e rasuram tais textos. Quanto ao desenvolvimento da pesquisa, aponto, inicialmente, os caminhos já percorridos e, em seguida, indico a direção que pretendo seguir na investigação: discutir as diferenças envolvendo o termo cultura; buscar aproximação entre cultura e os meus sujeitos de pesquisa (sertanejas donas-de-casa de Irecê) – para tanto, levanto os sertões na literatura, e imediatamente trago um pouco de informação sobre a cidade de Irecê, que será o *lócus* da investigação em curso. Há ênfase nos processos de inclusão de diferentes sujeitos no centro das discussões envolvendo cultura e dos sertões na literatura e cultura.

*Palavras-chave:* Leituras. Literaturas. Cultura. Gênero. Subjetividades.

### INTRODUÇÃO

O meu interesse em pesquisar mulheres sertanejas, donas-de-casa de Irecê e que sejam leitoras, não aconteceu por acaso: a minha identificação com a temática vai além do fato de ser mulher, sertaneja, dona-de-casa ireceense e leitora. A minha relação com a leitura surgiu quando ainda era uma garotinha magricela e perebenta.<sup>3</sup>

Fui praticamente autodidata nos rudimentos da leitura e escrita e, após começar a ler, não parei mais: li tudo o que passou pelas minhas mãos – desde livros de história antiga, bulas de remédio, *bang bang*; enfim, literaturas de todos os tipos - e sempre fui fascinada pelo universo das letras, dos livros e das leituras. A leitura é a seiva que me alimenta, literalmente, porque ela me proporcionou casa e comida, já que sou professora de língua portuguesa.

Assim, a investigação em curso aproxima-se bastante das minhas próprias experiências, o que implica uma maior responsabilidade: a opção por realizar uma investigação em uma localidade da qual faço parte me encanta e me assusta porque, se por um lado sou também uma leitora sertaneja, uma dona-de-casa (as donas-de-casa serão meus sujeitos de pesquisa) e é esse um motivo óbvio de identificação com o objeto; por outro lado, é assustador ver-se revelado no outro, desnudar a alma

---

<sup>1</sup> Paper sobre projeto de pesquisa homônimo, em andamento, tendo como orientadora a Professora Doutora Jailma Pedreira dos Santos Moreira (Uneb/BA)

<sup>2</sup> Mestranda em Crítica Cultural – UNEB/BA - Campus II, e-mail: ivanianunes@hotmail.com.

<sup>3</sup> Quando era ainda uma menininha, costumava ter muitas feridas no corpo: tanto as que surgiam espontaneamente; quanto outras tantas provocadas pelos arranhões e acidentes de percurso de uma garota levada do interior. Perebenta = cheia de feridas, de machucados.

diante do espelho, abrir-se para enfrentar, através das verdades e reflexões que emergirem dos semelhantes, meus próprios medos, os fantasmas que estão adormecidos, a poeira dos sonhos há tanto deixados em um canto escuro de minha mente... Enfim, haverá riscos, mas é preciso que haja o enfrentamento.

Há também o perigo de se falar de um objeto do qual estamos muito ligados, pelo qual nutrimos sentimentos, com o qual estabelecemos ora um caso de amor; ora uma rixa assassina, pois reconhecemos as paixões que nos movem, como a alegria de fazer parte de um povo expressivo; o orgulho de integrar um elenco de mulheres trabalhadoras; a cumplicidade no compartilhamento de leituras, de vivências, de sonhos e frustrações. Assim sendo, o fato agora é de que não será possível ser imparcial, quando pesquisador e objeto estão de tal modo imbricados, que não se sabe quando termina um e começa o outro, visto que eu também estou me colocando enquanto mulher sertaneja da cidade de Irecê/BA, que lê muito, que vem lendo por toda a vida, cujas leituras confundem-se com o meu viver. Bem, se outras pessoas que não vivenciaram o sertão puderam pesquisar e escrever as suas impressões sobre esse lugar e sobre as pessoas que nele habitam, eu também posso; e, se não vou fazer um trabalho de excelência por conta do meu envolvimento, com certeza também não será um trabalho medíocre, mal feito, justamente porque sou parte dele. Sobre isso, ressalto o pensamento de Ari Lima (2013. p. 19-20).

A Antropologia que faço, a metodologia que aplico são, portanto, posicionadas pela minha condição racial negra assim como por minha orientação sexual homossexual, quase sempre ausentes, não nomeados ou não vislumbrados, ao contrário da condição racial branca e sexual heterossexual nos estudos sobre o negro e as relações raciais. De fato, ao posicionar-me não acredito que necessariamente facilite minha inserção no campo de pesquisa, a interlocução com os informantes ou, posicionado, obrigatoriamente esteja capacitado a elevar o grau de profundidade etnográfica do meu trabalho. Por outro lado, não acredito que isto prejudique minha inserção etnográfica ou a torne mais parcial que todas aquelas que tradicionalmente têm sido realizadas nos estudos sobre o negro e as relações raciais no Brasil.

Assim, o fazer parte do objeto em estudo incorre em alguns riscos, de modo que a atenção deve ser permanente, para que o trabalho não seja prejudicado e para que os resultados sejam confiáveis.

Há uma teoria corrente sobre o nível de leitura do brasileiro: acredita-se que os tupiniquins leem pouco e mal. Dados do PISA apontam, outrossim, para os baixos índices em relação ao tópico leitura dos alunos da educação básica, conforme dados do MEC (Brasil, 2013):

NOTAS DO BRASIL EM LEITURA – PISA (Programa Internacional de Avaliação de Estudantes)
---

Ano	2000	2003	2006	2009
Nota	396	403	396	412

É possível perceber que as notas são cíclicas, girando em torno de 400; porém, em 2009, há um aumento de 16 pontos em relação à nota anterior e de 09 pontos em relação à nota mais alta das últimas avaliações. Ora, percebe-se um crescimento do mercado de livros: algumas livrarias passaram a aderir ao novo conceito do comércio bibliográfico, as *mega stores*, que são grandes lojas nas quais é possível encontrar inúmeros volumes de diversos títulos, nacionais e estrangeiros, além de outros itens de papelaria, informática e entretenimento. Tais estabelecimentos encontram-se sempre cheios. Portanto, isso pode ser considerado como um sinal de mudança de hábitos de leitura das pessoas no Brasil.

Além das grandes livrarias, há também um imenso crescimento do comércio eletrônico, que facilitou bastante a aquisição de livros novos ou usados, para os consumidores que têm acesso à informática e à internet; esse é outro sinal de mudança.

O terceiro e grande sinal que aponta para os novos hábitos dos leitores é a *internet*, que proporciona uma variedade inestimável de textos, em muitos gêneros e formatos: alguns são disponibilizados para leitura *on line*: outros podem ser baixados gratuitamente para serem lidos no modo *of line*, ou seja, o leitor não necessita estar conectado a uma rede para poder realizar a sua leitura. Nesse tocante, é importante mencionar o site [www.dominiopublico.org.br](http://www.dominiopublico.org.br), que disponibiliza inúmeras obras que já são de domínio público, como o próprio título sugere, para que o público geral possa realizar suas leituras.

Diante de tantos avanços tecnológicos e da modernização do comércio de livros, sem mencionar a facilidade de compra e pagamento, é perfeitamente válido questionar se a circulação do conhecimento por meio da cultura letrada avançou também em cidades do interior, incluindo-se as zonas urbanas e rurais.

É de conhecimento público a existência da difusão da cultura oral em locais mais afastados dos centros urbanos, por conta da ausência de uma cultura letrada abrangente e democrática. Ademais, desde o final dos anos 1990, quando houve a universalização do acesso à energia elétrica, através do programa de eletrificação rural, denominado Luz no Campo, começado no governo do então Presidente Fernando Henrique Cardoso, houve também o aumento da presença de aparelhos de TV, que passaram a ocupar lugar de destaque nos lares sertanejos, substituindo, assim, o antigo rádio a

pillas. Essa universalização dos televisores pode ter influenciado na troca dos textos escritos pelas leituras audiovisuais, aparentemente muito mais sedutoras.

Prega-se a inclusão digital, mas basta que se solicite um trabalho para ser realizado no computador, através do uso da *internet*, em uma sala de aula de escola pública, para se ter uma ideia de que o que vigora mesmo é a exclusão digital entre as camadas mais pobres da sociedade, que geralmente são as que moram nos locais mais ermos ou de difícil acesso. Assim, é possível supor que nas periferias urbanas e na zona rural ainda há muita gente sem acesso à internet ou até mesmo a computadores, o que poderia inviabilizar as leituras por meios eletrônicos.

Desse modo, levando em consideração a posição geográfica da microrregião de Irecê e a situação socioeconômica de seus moradores, é interessante questionar como as pessoas, mais especificamente as mulheres donas-de-casa que vivem no sertão de Irecê, que dista 480 km da capital baiana, fazem para realizar leituras de material gráfico diverso.

Leia-se sertaneja (de Irecê) – a mulher que vive e convive com o semiárido, participando, direta ou indiretamente das alegrias e dificuldades de habitar essa região inóspita, enfrentando secas prolongadas, falta de água, encolhimento da economia, sendo esta sustentada basicamente pela agricultura; mas não necessariamente a mulher agricultora, ou moradora da zona rural. Dentre o conjunto das sertanejas ireceenses, pensamos naquelas mais comuns: donas-de-casa, trabalhadoras informais e que não tiveram acesso ao nível superior, uma vez que seria custoso dar conta das sertanejas na sua totalidade.

É uma temática importante, visto que vem sendo negligenciada, por conta da visão machista ainda dominante na sociedade vigente. As pessoas buscam em suas pesquisas os leitores mais óbvios: como os alunos desta ou daquela instituição; profissionais da educação; trabalhadores de determinadas áreas; universitários ou adolescentes, por exemplo.

Saber o que as donas-de-casa de Irecê estão lendo, se têm tempo para isso e, em caso afirmativo, como administram esse tempo; e que influências as suas leituras trazem para suas vidas é promover um encontro com pensamentos ainda incógnitos, visto que são desconhecidos do grande público, principalmente se tratando das mulheres do sertão, que estão ainda mais invisíveis que a maioria do público feminino.

Com certeza, outros já estão pensando nessa parcela de leitores, pois existem inúmeras publicações que são destinadas ao público feminino, como revistas, livros de culinária, manuais para mães e donas-de-casa e, também, uma literatura toda especial, conhecida no meio acadêmico como “literatura cor-de-rosa”. Mas o nosso interesse vai além disso: o que se quer saber abrange tudo o

que a sertaneja lê; como se processa essas leituras; e como ela interage com o mundo a partir do que foi lido. Será que as mulheres gostam do tipo de literatura que é direcionado a elas? O que elas pensam disso? Essas e outras questões poderão ser respondidas através de uma investigação séria, que possa contemplar a dona-de-casa sertaneja, através de suas leituras.

É importante perguntar, a partir do exposto anteriormente, se donas-de-casa sertanejas leem; em caso afirmativo, quanto, o que e como se realizam essas leituras e o que as motiva a ler.

Partindo do pressuposto de que a mulher do semiárido, sendo uma trabalhadora incansável, dentro e fora de casa, assim como a maioria das mulheres desse país, ela ainda encontra tempo para o exercício da cultura letrada? Qual o papel da leitura em suas vidas?

Apesar do discurso da promoção da igualdade entre os gêneros, ainda falta muito para que mulheres e homens gozem de direitos iguais: sabe-se, por exemplo, que mulheres ainda recebem um salário inferior ao de homens em funções semelhantes e que também costumam ocupar cargos considerados “femininos” ou “fáceis”, como os serviços domésticos e educacionais. Portanto, inúmeras mulheres ainda vivem à margem da sociedade, sem acesso aos bens materiais e culturais necessários a seu bem estar e ao seu desenvolvimento pleno como pessoa e cidadã. Dessa forma, é salutar que se questione se essas mulheres dispõem de tempo e/ou dinheiro para desfrutar de momentos de leitura e se essas leituras são para fruição ou somente por necessidade.

Seria interessante conhecer e estimar em termos qualitativos e quantitativos o envolvimento da mulher sertaneja de Irecê/BA com a leitura, bem como observar o seu nível de letramento e as relações que estabelecem entre a leitura do mundo e a leitura da escrita, levando-se em consideração a importância do ato de ler e os seus desdobramentos na sociedade.

A leitura é capaz de abrir portas e ampliar os horizontes dos leitores, estimulando a imaginação, a criatividade e favorecendo o exercício da liberdade de pensamento. Existem inúmeras formas de ler e infinitas possibilidades de leitura que se materializam em nosso cotidiano através dos diversos gêneros textuais.

Muitas pessoas procuram adquirir novos conhecimentos, manter-se informadas sobre os fatos do dia-a-dia e ampliar o vocabulário através de suas leituras. Para além de um sentido meramente pragmático, a leitura também pode ser realizada por prazer, para a fruição de quem lê.

## ANDAMENTO DA PESQUISA

Uma vez esclarecida a situação da pesquisa, ponto importante para situar os leitores quanto ao que se pretende, com vistas ao êxito da investigação, seguiremos com a exposição sobre o sumário provisório, que representa a estrutura do trabalho (também provisória), assim dividido:

1. Para início de prosa (introdução);
2. Leituras na literatura e na cultura (primeiro capítulo);
  - 2.1. O sertão na literatura e na cultura;
  - 2.2. Rachel de Queiroz: um caso à parte;
  - 2.3. Leitura e imaginação;
  - 2.4. Literatura: os caminhos da invenção;
3. Existe gênero na leitura/literatura? (segundo capítulo);
  - 3.1. Por que as mulheres ainda são as donas-de-casa?
  - 3.2. Leituras de sertanejas donas-de-casa de Irecê/BA;
4. (Re)construção de subjetividades de sertanejas de Irecê nas/pelas leituras (terceiro capítulo);
  - 4.1. Literatura e vida;
  - 4.2. Ao pé da letra: a mudança bate à porta;
5. Fim de papo? (Conclusões e inconclusões das discussões)

Inicialmente, faremos uma ligeira retomada do conceito de cultura, situando-a diacronicamente, observando as ocorrências de leituras consideradas literárias e culturalmente determinadas; em seguida, pretende-se fazer uma visita à cultura sertaneja propriamente dita, com suas alegrias e dores; nesse ponto, procurarei captar relações do sertão na e com a leitura literária, bem como buscarei situar a mulher sertaneja em seu lugar, tentando um estreitamento com meus sujeitos de pesquisa; mais adiante, destino um subtítulo desse primeiro capítulo ao tratamento dado à mulher sertaneja pela escritora cearense Rachel de Queiroz.

O conceito de cultura será levantado a partir das ideias e estudos de Malinowski, Boas, passando por Lévi-Strauss e chegando aos antropólogos atuais, que estão situados no âmbito dos estudos culturais, como Joan Scott e James Clifford, dentre outros. As abordagens antropológicas mais atuais questionam todas as anteriores, visto que pensadores como James Clifford, por exemplo, consideram impossível haver imparcialidade nos estudos culturais, uma vez que estes sempre estarão permeados pelas impressões e ideologias do pesquisador. Não que isto invalide a investigação ou a desmereça; antes, o comprometimento ético agrega um componente de validação às pesquisas de campo, em cujas descrições das culturas há o envolvimento do etnógrafo.

A respeito da afirmação anterior, ressalta Clifford (1986, p. 7):

Ethnographic truths are thus inherently partial- committed and incomplete. This point is now widely asserted – and resisted at strategic points by those who fear the collapse of clear standards of verification. But once accepted and built into

ethnographic art, a rigorous sense of partiality can be a source of a representational tact. [...]

Verdades etnográficas são, portanto, inerentemente parciais, comprometidas e incompletas. Este ponto é agora amplamente afirmado e tem resistido em pontos estratégicos por parte daqueles que temem o colapso de padrões claros de verificação. Mas, uma vez aceito e incorporado pela arte etnográfica, um sentido rigoroso de parcialidade pode ser uma fonte de tato representacional. [...] (tradução nossa)

Na introdução do livro *Writing Culture: The Poetics and Politics of Ethnography*, cujo título é *Introduction: Partial Truths – Verdades parciais*, em português (tradução nossa), Clifford enfatiza o papel da escrita no trabalho de campo do antropólogo, salientando que a descrição objetiva pode ser entremeada por trechos literários e, não raro, pelas impressões do etnógrafo, o qual não consegue desvincular o pesquisador do homem, uma vez que ambos são indissociáveis.

Seguindo a mesma perspectiva surge o movimento, no âmbito dos estudos culturais, de etnografias produzidas por um membro da comunidade pesquisada. Sobre isso, Clifford ressalta que há tanto ônus quanto bônus: por um lado, o pesquisador integrante de determinada sociedade ou grupo conhece muito bem a realidade daquela cultura; por outro lado, esse mesmo conhecimento traz riscos, que podem influenciar no resultado da pesquisa: fatores como preconceitos, panfletarismo, fanatismos e radicalismos de todas as espécies tendem a mascarar a realidade, deixando transparecer apenas as “verdades” que são convenientes ao etnógrafo ou as que ele consegue enxergar. Assim, é importante que o pesquisador fique atento ao seu objeto, de modo que se afaste de vez em quando e se pergunte até que ponto o seu envolvimento com o objeto poderá chegar, sem comprometer os resultados da investigação. Outro ponto crucial é não tentar aparentar neutralidade: é muito mais honesto e ético assumir o envolvimento e descrever os passos que levaram ao interesse em pesquisar este ou aquele objeto, em vez de outro.

Surgem as meta-etnografias, que consistem na análise antropológica da produção etnográfica. Os países, como o Brasil, que eram colônias, passam a ter seus próprios estudiosos, deixando de ser apenas analisados pelos grandes centros antropológicos. Seguindo esse caminho, há muitos estudiosos, pesquisando, escrevendo e questionando a partir de seu lugar de fala enquanto mulher; enquanto negro; enquanto homossexual. Enfim, está cada vez mais comum, no âmbito dos estudos culturais, um determinado membro de uma comunidade se debruçar sobre sua comunidade e sobre si mesmo, procurando analisar determinadas questões inquietantes e que necessitam maior atenção. E é a partir dessas inquietações que passo a lançar um olhar mais demorado sobre algumas sertanejas de Irecê, tentando captar o seu universo mediante suas leituras literárias.

Há ainda mais dois subtítulos no capítulo inicial: no primeiro – *Leitura e imaginação* – pretendo explorar as relações entre as leituras de sertanejas e a construção de seu imaginário, envolvendo

seus sonhos e fantasias, sempre relacionando com os dados da pesquisa de campo. No segundo – Literatura: os caminhos da invenção – gostaria de adentrar no universo das leituras literárias realizadas pelas donas de casa de Irecê, participantes da pesquisa, levando em consideração seus modos de ler.

O segundo capítulo será destinado a discutir a possível relação entre leitura/literatura e gênero, se há uma escrita feminina; se existe um tipo de literatura específico para mulheres, sempre ponderando com os resultados da pesquisa. Nesse sentido, será observado o que Márcia Rios da Silva (2006. p. 90) traz sobre a leitura de mulheres, a partir da crítica feminista, citando Jonathan Culler (1997, p. 73 e 77, respectivamente). Ela afirma que

Em determinado momento, a crítica feminista se encarrega de, através do postulado de uma mulher leitora, “trazer uma nova experiência de leitura e de fazer leitores – homens e mulheres – questionarem as suposições literárias e políticas nas quais sua leitura tem se baseado”. Torna-se imperativa a necessidade de se ler como uma mulher lê. “Uma mulher ler como uma mulher não significa repetir uma identidade ou experiência que é dada, mas assumir um papel que ela constrói com referência à sua identidade como mulher, que é também uma construção, [...]”

Assim, pode-se perceber que há estudiosos que estão de acordo com a perspectiva de uma leitura feminina, própria de mulheres. Estas, por sua vez, leem a partir de identidades forjadas no seio de uma sociedade machista, consumista e permeada por relações de poder, o que suscita muitas outras reflexões. Paralelamente a esse pensamento, ocorre um outro, que versa sobre a existência de uma escrita feminina, ou “feminização da escrita”, como assume Nelly Richard (2002. p. 133), esclarecendo que

Mais do que da escrita feminina, conviria então, falar – qualquer que seja o gênero sexual do sujeito biográfico que assina o texto – de uma *feminização da escrita*: feminização que se produz a cada vez que uma poética, ou uma erótica do signo, extravasa o marco de retenção/contenção da significação masculina com seus excedentes rebeldes (corpo, libido, gozo, heterogeneidade, multiplicidade), para desregular a tese do discurso majoritário. Qualquer literatura que se pratique como *dissidência da identidade*, a respeito do formato regulamentar da cultura masculino-paterna, assim como qualquer escrita que se faça cúmplice da ritmicidade transgressora do feminino-pulsátil, levaria o coeficiente minoritário e subversivo (contradominante) do “feminino”. Qualquer escrita, pronta para alterar as pautas da discursividade masculina/hegemônica, compartilharia o “devir minoritário” (Deleuze-Guattari) de um feminino que opera como paradigma de desterritorialização dos regimes de poder e captura da identidade, normatizada e centralizada pela cultura oficial.

Ora, se há um modo específico de as mulheres realizarem suas leituras, obviamente também existe um jeito único delas escreverem, ou de alguém escrever como elas, ou seja, a partir do ponto de vista feminino, como demonstra Richard no exposto acima. O que já aponta para a formação diferenciada desses sujeitos, havendo vários fatores envolvidos na construção dessas subjetividades.



Além do exposto, o segundo capítulo contemplará uma discussão a respeito dos motivos sociais, históricos e culturais que influenciam na prevalência das mulheres como donas-de-casa, desde tempos passados até o presente (século XXI), se elas trabalham fora de casa por opção ou necessidade. Enfim, que escolhas pesam mais, na hora de tomar decisões que envolvam família e trabalho?

No terceiro capítulo – (Re)construção de subjetividades de sertanejas de Irecê nas/pelas leituras – procurarei analisar as interferências, interconexões, rasuras, releituras dos textos diversos feitas pelas mulheres leitoras com relação direta ou indireta com seus modos de vida e na construção e reconstrução de suas subjetividades. Ainda nesse capítulo, observarei como as leituras são ressignificadas nas/pelas vidas das sertanejas, evidenciadas através das linguagens analisadas durante as etapas da investigação: aplicação de questionário, entrevista semiestruturada e observações. Nesse ponto, será dada ênfase à recepção que as donas de casa fazem das textualidades que as envolvem, levando-se em consideração os imbricamentos entre ficção e realidade.

Por fim, serão feitas as considerações sobre o que foi discutido no decorrer do texto: o que valeu a pena, o que ainda será necessário um olhar mais acurado, o que deve ser evitado nesse processo, enfim, é necessário discutir tais questões que vinham permanecendo nas brumas dos estudos culturais ou quando apareciam, muitas vezes as personagens eram estereotipadas. Outrossim, os ditos estudos culturais têm promovido, nos últimos tempos, uma abertura maior para temas antes marginalizados, abrindo espaço para as minorias, tais como negros, homossexuais, sertanejos e, obviamente, mulheres.

Pensando no desenvolvimento do projeto de pesquisa, foram elaborados instrumentos, de modo que estes possam dar conta das questões de pesquisa e dos objetivos aos quais me propus inicialmente. Em primeiro lugar, perguntei nas redes sociais, aos meus contatos do *Facebook*, *e-mail* e do *Whats APP*, se eles conheciam mulheres leitoras, com o seguinte perfil: a) que não possuíssem nível superior; b) que não fossem ou tivessem sido professoras; c) que, mesmo tendo algum trabalho fora de casa, ainda sejam elas as que tomam conta de seu lar; seja executando as tarefas domésticas, seja orientando outros a fazê-las; d) que fossem moradoras da cidade de Irecê ou de uma outra cidade do território de identidade. Para tanto, criei e compartilhei uma enquete no *Facebook*, além de ter socializado com as pessoas por correio eletrônico e pelo *Whats APP*. A enquete não funcionou, porque as pessoas queixavam-se de dificuldades para acessá-la; e quando conseguiram, havia o risco de marcar a opção errada, sem querer; e depois não havia como voltar atrás, pois a pesquisa era instantânea (o usuário do aplicativo vota e, imediatamente, já aparece o seu voto computado e o

resultado parcial). Assim, meus amigos acabavam por entrar em contato comigo *in box*, para explicar o seu voto e dizer se conheciam ou não alguma sertaneja com o perfil desejado; bem como usavam o serviço de *e-mail* e de mensagens instantâneas. Dessa forma, recebi uma lista de mais de trinta mulheres aptas a participarem do projeto.

O próximo passo seria conseguir o contato das sertanejas em questão e partir para o segundo instrumento – o questionário. Por conta da logística complicada, não foi possível passar de uma etapa para outra imediatamente; isso gerou complicações, as quais tiveram de ser encaradas em janeiro de 2015, quando finalmente foi aplicado o questionário, no qual listo uma série de questões abertas e fechadas sobre as mulheres que fazem parte desse estudo: procuro saber, por exemplo, a idade, a escolaridade e em que mais as donas de casa ocupam o seu tempo. Também levanto questões sobre leituras: quais gêneros textuais as sertanejas leem? Como essas leituras são feitas? Quanto tempo é destinado para ler? De que forma elas têm acesso aos livros/textos? No tocante à literatura – quais autores fazem parte de suas leituras – homens, mulheres; obras canônicas, marginais; escritoras baianas, *best sellers*, literatura cor-de-rosa? Quantos livros são lidos por ano, em média? Quais livros/autores elas mais gostam e por que?

Dessa forma, os questionários darão conta de algumas demandas da pesquisa, tais como: o que, quanto e como as donas de casa de Irecê leem e também já é possível vislumbrar o perfil dessas leitoras. A partir das respostas e após a análise desses dados, foi realizada entrevista com aquelas que se mostraram mais abertas e que também são consideradas realmente leitoras profícuas (não foi possível agir assim em relação a todas as entrevistadas). A partir daí, um roteiro foi elaborado, de forma que seja possível um aprofundamento das questões propostas inicialmente, de modo que as sertanejas pudessem falar sobre suas relações com as leituras; de que modo as leituras influenciaram em suas vidas e vice-versa; quais mudanças foram causadas pelas leituras etc. Como não foi entrevista fechada, houve a oportunidade de deixar que as mulheres falassem mais de si, de seus sonhos, da vida que gostariam de ter tido (se esse fosse o caso), bem como outras perguntas que surgiram no decorrer do processo.

Estava prevista, ainda para a segunda semana de dezembro de 2014 (de 14 a 20/12/2014), o início da aplicação dos questionários, de modo que, até o final de janeiro, a pesquisa de campo foi concluída. Foram aplicados dezessete questionários entre mulheres sertanejas, com idade que varia de 31 a 80 anos. A maioria da própria cidade de Irecê (sede ou povoado); as demais de cidades da microrregião. O propósito inicial seria aplicar o questionário, analisar as respostas e comparar aos outros e depois realizar as entrevistas. Alguns foram feitos dessa forma; porém, por conta do tempo apertado e das grandes distâncias entre algumas localidades, foi preciso repensar essa forma, de

modo que algumas entrevistas foram feitas logo após a aplicação do questionário, o que resultou em algo positivo, já que algumas mulheres que tinham respondido ao questionário, acabaram por não concordar com a entrevista; ou até mesmo concordaram, mas nunca estiveram disponíveis. As justificativas foram as mais variadas para a não realização da entrevista, inclusive houve 100% de negativas quanto à possibilidade das entrevistas serem filmadas.

O primeiro capítulo da dissertação já está em andamento. Para concluí-lo, pretendo utilizar parte dos artigos das disciplinas do primeiro período do mestrado, nos quais levanto discussões sobre cultura, o aparecimento ou não do sertão na literatura, dando ênfase a Graciliano Ramos, Euclides da Cunha e Rachel de Queiroz. Concomitante à escrita, também estão sendo realizadas leituras de autores que possam dialogar, de alguma forma, com a temática explorada por mim.

Além de autores empregados anteriormente, outros estão sendo acrescentados, de modo que o formato do trabalho já possa ser visualizado, embora esse seja apenas um esboço inicial, que certamente será revisto muitas outras vezes.

## **LEITURAS NA LITERATURA E NA CULTURA**

Para desenvolver uma pesquisa na linha de margens da literatura, deve-se passar, obrigatoriamente, pela discussão dos temas cultura, literatura, leitura, identidade e subjetividade. Sabe-se que a leitura é um hábito culturalmente construído; assim como os conceitos de literatura e da própria cultura têm sua maior ou menor aceitabilidade de acordo com a cultura corrente em determinado lugar e época. Para Perrone-Moisés (1998. p. 59) “[...] Na história literária, a leitura é *constitutiva* do fato, já que os fatos literários (obras) só encontram sua realização plena na leitura; eles são programados para (re)acontecer na leitura, criando sentidos que renascem e variam a cada época.”

Normalmente, costuma-se dividir os textos de caráter mais prático como não-literários; e os de caráter mais lúdico como literários. Porém, na atualidade, há uma crescente relativização entre os gêneros que podem ser considerados literários ou não. Isso depende de uma série de fatores, tais como: contexto de circulação, objetivo, público-alvo, portadores textuais etc.

Na realidade, não é fácil definir literatura, pois é um conceito que vem sendo construído ao longo dos tempos, e que não é descomprometido de juízos de valor, embora admita-se que críticos, escritores e estudiosos adotem certos critérios para estabelecer o que, de fato, pode ser considerado como literatura.

Se não é possível ver a literatura como uma categoria “objetiva”, descritiva, também não é possível dizer que a literatura é apenas aquilo que, caprichosamente, queremos chamar de literatura. Isso porque não há nada de caprichoso nesses tipos de juízos de valor: eles têm suas raízes em estruturas mais profundas de crenças, tão evidentes e inabaláveis quanto o Empire State. [...] (EAGLETON, 2006, p. 24)

É evidente que há o exercício do jogo do poder implícito ao conceito de literatura: quem pode mais, quem sabe mais, quem estudou mais – esses são autoridades para definir o que é e o que não é literatura. Consequentemente, as produções orais, os registros literários de pessoas que moram no campo, as vozes dos favelados, das mulheres, dos negros, das pessoas mais carentes quase não aparecem nas classificações literárias, pois os seus autores não detêm o poder de decisão.

Nesse ínterim, entra em jogo as subjetividades das sertanejas, forjadas a partir do centro ocidental-europeu-branco-homem, como toda a sociedade brasileira; e isso é muito importante no processo de formação das leitoras, das sertanejas, das mulheres, pois definirá que tipo de leitora, de sertaneja, de mulher se apresentará para o mundo: será alguém que apenas reproduz os modelos instituídos ao longo dos séculos pelos dominantes ou será uma pessoa capaz de subverter a ordem reinante, seja expressando seu ponto de vista, seja realizando leituras outras, não-canônicas ou participando dos movimentos sociais?

Para a construção da subjetividade consciente, é fundamental que haja clareza quanto à identidade; faz-se necessário que o indivíduo conheça-se a si mesmo, sendo capaz de situar-se historicamente no mundo, problematizando a sua trajetória e as influências que foram importantes na edificação do seu eu – e isso só será possível através da linguagem. É na e pela linguagem que os sujeitos fazem a crítica de sua condição e isso leva à hipótese de que as leituras realizadas podem influenciar na construção e reconstrução e até mesmo na desmontagem do conjunto de ideias, crenças e valores que caracterizam o pensamento humano.

Retomando à relatividade de alguns temas, e como o processo de subjetivação é uma construção, pode-se observar que o conceito de literariedade de um texto muda, de acordo com a época, o local e outras variáveis, as quais estão sujeitas os escritos ao longo do tempo. A respeito disso, a autora Márcia Abreu esclarece

Estamos tão habituados a pensar na literariedade intrínseca de um texto que temos dificuldade em aceitar a ideia de que não é o valor interno à obra que a consagra. O modo de organizar o texto, o emprego de certa linguagem, a adesão a uma convenção contribuem para que algo seja considerado literário. Mas esses elementos não bastam. A literariedade vem também de elementos externos ao texto, como nome do autor, mercado editorial, grupo cultural, critérios críticos em vigor. (ABREU, 2006, p. 41)

A respeito da afirmação anterior, é possível endossar o que Márcia Abreu traz, observando as dificuldades pelas quais um autor iniciante passa para publicar seus textos. Ao contrário, um nome conhecido pode até publicar absurdos, e será aceito, pois se trata de uma suposta autoridade.

O próprio conceito de leitura tem sido modificado e ampliado com o passar dos anos e com os avanços do estudo na área de alfabetização, letramento, literatura e leitura. De acordo com Perrone-Moisés (*Id.* p. 60) “Ler é dar sentido, sincronizar, vivificar, escolher e apontar valores. A leitura ativa é construtiva porque ela pretende orientar os rumos do futuro; e é destrutiva, porque ultrapassa e invalida as regras de medida vigentes. [...]”

Durante muito tempo, confundiu-se o ato de ler com a mera decodificação do código linguístico; no entanto, após novas investigações, aceita-se, no presente, um conceito mais amplo e complexo da leitura, que vai muito além do ato de decodificar os signos escritos: ler abrange também atribuir significados e estabelecer relações entre textos, com a possibilidade de operar mudanças no mundo mental e material do leitor, pois

[...] Neste caso, o ato de aprender a ler e escrever é um ato criativo que implica uma compreensão crítica da realidade. O conhecimento de um conhecimento anterior, obtidos pelos educandos como resultado da análise da práxis em seu contexto social, abre para eles a possibilidade de um novo conhecimento. O novo conhecimento revela a razão de ser que se encontra por detrás dos fatos, desmitologizando, assim, as falsas interpretações desses mesmos fatos. Desse modo, deixa de existir qualquer separação entre pensamento-linguagem e realidade objetiva. A leitura de um texto exige agora uma leitura dentro de um contexto social a que ele se refere. (FREIRE & MACEDO, 1990, p. 105)

Empregamos, portanto, a definição mais ampla de leitura, aquela que abrange, pensamento, linguagens e ação, pois a leitura deve funcionar como motivadora de mudanças, que devem ser operadas pelas pessoas, de modo consciente e crítico. De acordo com Freire (2005. p. 41) “A realidade social, objetiva, que não existe por acaso, mas como produto da ação dos homens, também não se transforma por acaso.” Para ele, “transformar a realidade opressora é tarefa histórica, é tarefa dos homens.”

O conceito de letramento, por outro lado, não pressupõe necessariamente a leitura da escrita, mas, obrigatoriamente requer do leitor a capacidade de ler o mundo a sua volta. Portanto, um sujeito não alfabetizado pode ser bastante letrado; e uma pessoa alfabetizada pode ser pouco letrada, pode analisar os fatos de sua realidade apenas de forma superficial e descomprometida. A bagagem que o leitor carrega consigo, oriunda de experiências anteriores, conta muito no processo de leitura, já que

A compreensão de um texto é um processo que se caracteriza pela utilização de conhecimento prévio: o leitor utiliza na leitura o que ele já sabe, o conhecimento adquirido ao longo de sua vida. É mediante a interação de diversos níveis de

conhecimentos, como o conhecimento linguístico, o textual, o conhecimento de mundo, que o leitor consegue construir o sentido do texto. E porque o leitor utiliza justamente diversos níveis de conhecimento que interagem entre si, a leitura é considerada um processo interativo. Pode-se dizer com segurança que sem o engajamento do conhecimento prévio do leitor não haverá compreensão. (KLEIMAN, 2007, p. 13)

Seguindo essa mesma linha de pensamento, Soares (2012, p. 19) separa alfabetizado de letrado. De acordo com ela, “alfabetizado nomeia apenas aquele que aprendeu a ler e escrever, não aquele que adquiriu o estado ou a condição de quem se apropriou da leitura e da escrita, incorporando as práticas sociais que as demandam.” Ora, este último é o letrado; aquele que vai além de decodificar a língua, fazendo uso dela em situações do cotidiano.

Pesquisas apontam que as mulheres possuem mais anos de escolaridade que os homens; que elas estudam mais, por uma série de motivos sócio-históricos, culturais e econômicos; entre estes, o fato de elas terem ficado por muito tempo sem o direito de frequentar a escola, sem acesso à educação formal e, mesmo quando puderam finalmente usufruir desse direito, as escolas para mulheres eram diferenciadas, sendo direcionadas para as artes do lar, ou seja, a escola reproduzia a ideologia reinante na sociedade.

Hoje, se as mulheres estudam mais, pressupõe-se que também leem mais. O que não significa, necessariamente, um maior grau de letramento, embora desse fato resultem muitas outras implicações, como as diferenças entre os gêneros, a predominância do machismo que insiste ainda em dividir o trabalho em atividades masculinas e femininas, direcionando, assim, as escolhas das mulheres por ocupações que privilegiem o uso do cérebro, em vez dos músculos.

É evidente que o que se aplica a uma mulher jovem não será aplicável a uma idosa, por exemplo. E há também muitas outras variáveis socioculturais, econômicas e inclusive geográficas que podem influenciar no grau de letramento e nível de leitura das mulheres brasileiras. No entanto, não é possível afirmar que as mulheres do sertão de Irecê tenham hábitos de leitura totalmente diferentes daqueles das demais brasileiras. Possivelmente as suas leituras devem convergir em alguns pontos e divergir em outros, já que estamos tratando de pessoas que têm muitas coisas em comum, a começar pelo gênero.

Diante de um universo de possibilidades de leituras, é interessante tentar conhecer as leituras das sertanejas, observando a interação entre estas e o ambiente em que vivem; se essas leituras influenciam para a ação ou a inércia, para a crítica ou para a aceitação dos modelos sociais vigentes; se a mulher sertaneja tem também a sua subjetividade influenciada pela literatura, através das infinitas possibilidades de interação entre texto e leitor; e em como são as visões de mundo de pessoas que convivem com uma realidade de seca, em meio da vegetação escassa da caatinga e de

clima definido por duas estações: a seca e o verde. É possível romper com essa crença cristalizada e muitas vezes difundida pela mídia, de um sertão pobre, sofredor, marcado pelas manifestações culturais tradicionais e preso a um ciclo de esperança/descrença, que pode ser traduzido como verde/seca?

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Após o término do primeiro ano do mestrado em Crítica Cultural, algumas mudanças foram feitas no projeto original e também alguns avanços: muitas leituras, delimitação do tema, recortes, alteração do título. Enfim, a pesquisa de campo já foi realizada, a partir de questionários e, posteriormente, de entrevistas semiestruturadas com donas-de-casa leitoras de Irecê. As leitoras foram encontradas previamente; inicialmente foi utilizada uma enquete pela rede social *Facebook*, que foi compartilhada com meus contatos, mas pouca gente respondeu, já que o processo de acessar as questões da enquete foi considerado complexo pelos usuários.

Os resultados estão sendo analisados a respeito das dezessete donas-de-casa leitoras, incluindo uma senhora idosa, que, de acordo com a própria, nunca foi à escola e que lê bastante literatura e que, inclusive, escreve poesia; a merendeira de uma escola pública que é leitora literária voraz e que adora Gabriel Garcia Marques; amigas e conhecidas que compartilham livros e leituras em Irecê e outras localidades próximas. Resumindo: a partir da enquete, encontrei os sujeitos de pesquisa, depois busquei meios de contatá-los, apliquei os questionários e, em seguida, foram realizadas algumas entrevistas.

A partir das leituras feitas e das que estão em andamento, e levando-se em consideração a temática abordada, penso em desenvolver, além da introdução e conclusão, os tópicos descritos no sumário, dialogando com outros autores/textos, inclusive com os textos literários, muitos dos quais já foram lidos pelas sertanejas donas-de-casa de Irecê. Assim, almejo desenvolver o estudo das relações entre as donas-de-casa e suas leituras, as influências destas para aquelas e as implicações de ordem subjetiva; bem como discorrer acerca dos processos de construção de tais subjetividades, incluindo aí também outras possibilidades de se pensar o Nordeste, o sertão e Irecê, que vão além dos estereótipos, da seca, das peculiaridades.

Para tanto, penso empregar outros teóricos, além dos já mencionados: Guattari e Rolnik, Sylvia Paixão, Agamben, Durval Muniz, Virgínia Woolf, Joan Scott, Felipe Lindoso, entre outros; que serão importantes norteadores nesse processo dialógico que pretendo travar com o universo de leituras e imaginação da sertaneja dona-de-casa de Irecê.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. *Cultura letrada: literatura e cultura*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.
- ALVES, Arivaldo de Lima. O método é heterodoxo. O sujeito é posicionado. A pesquisa é possível? In: DUCCINI, Luciana; BARRETO, Luzania Rodrigues (Org.). Número temático: Metodologias de pesquisa em ciências sociais e humanas. *A Cor das Letras: Revista do Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Feira de Santana*. n. 1 (1997) Feira de Santana: UEFS, n. 14, 2013.
- BRASIL, MEC/INPE. Programa Internacional de Avaliação de Estudantes – PISA 2009: Resultados Nacionais PISA 2009. Brasília: O Instituto, 2012. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/pisa> - busca em 20/09/2013.
- CLIFFORD, James. Introduction: Partial Truths. In: CLIFFORD, James; MARCUS, George E. (ed.). *Writing Culture: The Poetics and Politics of Ethnography*. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1986.
- EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. *Alfabetização: leitura da palavra leitura do mundo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- KLEIMAN, Angela. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. 10 ed. Campinas: Pontes, 2007.
- MURANO, Edgard. Fraude automática: textos gerados por computador enganam publicações acadêmicas mesmo quando desprovidos de sentido. In: *Revista Língua Portuguesa*. Ano 9. n. 103, maio de 2014. (p. 16-19).
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Altas literaturas: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.
- RICHARD, Nelly. *Intervenções críticas: arte, cultura, gênero e política*. Trad. Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- SILVA, Márcia Rios da. *O rumor das cartas: um estudo da recepção de Jorge Amado*. Salvador: Fundação Gregório de Mattos; EDUFBA, 2006.
- SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.